

SIGLAS E ABREVIATURAS

1Mc	=	Primeiro Livro dos Macabeus
2Cr	=	Segundo Livro de Crônicas
1Pd	=	Primeiro Livro de Pedro
AAS	=	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
ALi	=	Antologia litúrgica – textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio
At	=	Livro dos Atos dos Apóstolos
CB	=	Cerimonial dos Bispos
Cf.	=	Conferir
Dt	=	Livro do Deuteronômio
Etc.	=	Entre outras coisas
Ex	=	Livro do Êxodo
Ibid.	=	<i>Ibidem</i> , o mesmo autor e a mesma obra
IGMR	=	Instrução Geral do Missal Romano
ILM	=	Introdução ao Lecionário da Missa
In	=	na, dentro de: para uso nas notas e bibliografia
LG	=	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
Lv	=	Livro do Levítico
Mt	=	Evangelho de São Mateus
NGC	=	Normas gerais para o ordenamento do ano litúrgico e do calendário
Org./orgs.	=	Organizador/organizadores
PR	=	Pontifical Romano
PS	=	<i>Paschalis Sollemnitatis</i>
RB	=	Ritual de Batismo
RICA	=	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	=	Constituição Conciliar <i>Sacrosanctum Concilium</i>
Sl	=	Livro dos Salmos

INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o ano litúrgico, faz-se memória do mistério pascal que, em uma única palavra, é Cristo. É Ele o Mistério e também a nossa salvação. Nesse sentido, fazer memória do Mistério é fazer experiência da salvação.

Mas, não somente Cristo, como também as suas ações, têm valor salvífico, isto é, trazem a salvação. Isso porque essas ações são mistérios do Mistério. “Os diversos momentos, episódios e atos da vida de Cristo são chamados de ‘mistérios’, porque acontecem no ‘mistério’, na própria humanidade de Cristo [...]”.^[1] E todos esses mistérios, ao longo das celebrações do ano litúrgico, são atualizados pelos fiéis celebrantes que têm a consciência de que precisam viver a partir dos ritos celebrados.

Este subsídio, estritamente falando, não traz novidades históricas, teológicas ou litúrgicas a respeito do ano litúrgico. Todavia, pretende oferecer aos seus leitores, a começar pelos coroinhas, acólitos e cerimoniários e, depois desses, a todos os fiéis celebrantes, uma síntese bem fundamentada daquilo que lhes é essencial para, enquanto leigos e leigas, bem celebrarem os santos mistérios, ao longo de todo o ano litúrgico. E, além dessa síntese doutrinária, que tem a todos os leitores como destinatários, uma parte bem específica, cujos destinatários são os coroinhas, os acólitos, os cerimoniários e os demais membros de equipes de liturgia: a explicação, passo a passo, de praticamente todas as celebrações que acontecem no ano litúrgico.

Os sete capítulos que seguem são um convite a mergulhar na riqueza, na beleza, na verdade e na espiritualidade que brotam das celebrações que anualmente todos os fiéis, batizados em Cris-

^[1] BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*, 69. São Paulo: Edições Paulinas, 2002. Original: *Cristo, festa della Chiesa*, Edizioni Paoline s.r.l., Cinisello Balsamo, tradução de Euclides Martins Balancin.

to, têm a oportunidade de celebrar e de ser iniciados nos mistérios do Mistério. Se, de alguma forma, este subsídio leva alguém a celebrar melhor, então o seu objetivo principal foi alcançado.

Capítulo I

O DOMINGO: PONTO DE PARTIDA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ANO LITÚRGICO

No dia que se chama do Sol (domingo), celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos as nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, são oferecidos pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vêm depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos.^[1]

Em cada domingo do ano litúrgico, a Páscoa de Cristo atualiza-se na Páscoa do fiel que participa da liturgia divina, a sagrada celebração da Eucaristia. O dia do domingo sempre foi e será o centro do ano litúrgico. Contudo, cada domingo tem um sabor diferente, porque o mistério que a partir dele se atualiza da vida de Cristo é diferente.

Para se celebrar ritualmente bem o domingo, deve-se saber beber da espiritualidade litúrgica de cada tempo do ano litúrgico. O domingo do Tempo Quaresmal é vivido diferentemente do domingo do Tempo do Advento, por exemplo, embora o dia da semana seja o mesmo, assim como praticamente o rito.

Por isso, antes de se conhecer melhor as rubricas propostas para as Missas dominicais, faz bem a todos os fiéis celebrantes mergulhar um pouco na história do ano litúrgico para, a partir daí, beber da principal fonte da espiritualidade cristã: a Missa, que, sem espiritualidade e piedade, reduz-se apenas a uma sequência de gestos belos, mas não salvíficos.

^[1] SÃO JUSTINO DE ROMA. *Apologia I*, 67,3-5.7, in Justino de Roma – *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*, 83-84. São Paulo: Paulus, 2016, 5ª reimpressão.

1.1 Aspectos históricos do domingo

“No início da liturgia cristã, a única festa era o domingo.”^[2] A cada oito dias, no amanhecer ou no entardecer do domingo, os cristãos se reuniam para a celebração eucarística. Na *Didaqué*, escrita entre os anos 90 e 100 (primeiro documento cristão, excluídos os textos neotestamentários), encontra-se a seguinte afirmação: “Reúnam-se no dia do Senhor [no domingo] para partir o pão [a Eucaristia] e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro”.^[3] E a Carta de Barnabé, redigida entre os anos 115 e 138, explica o porquê de os cristãos celebrarem a Eucaristia no domingo: “Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia [o domingo], no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos Céus”.^[4] Todavia, o documento mais famoso a respeito da afirmação do domingo como o dia da Eucaristia é o que foi escrito em torno do ano 150 pelo mártir São Justino (100-165), intitulado “Apologia I”. Nesse escrito, São Justino descreve com detalhes o rito da celebração eucarística, no dia do domingo.

No dia que se chama do Sol [domingo], celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos as nossas preces. Depois de terminadas, como já dissemos, são oferecidos pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama, dizendo: “Amém”. Vêm depois a distribuição e participação feita a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. [...] Celebramos essa reunião geral no dia do Sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando

[2] BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico...*, 105.

[3] “Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos”, 14, in VV.AA. *Padres Apostólicos*, 352. São Paulo: Paulus, 2017, 7ª reimpressão.

[4] “Carta de Barnabé”, 15,9, in VV.AA., *Padres Apostólicos...*, 310.

por Cristo”.^[8] Outro texto que corrobora a Eucaristia diária foi escrito em 372, por São Basílio de Cesareia (330-379): “Comungar todos os dias e participar do sagrado Corpo e Sangue de Cristo é bom e muito útil [...]. Haverá alguém que ponha em dúvida que a participação contínua da vida corresponde a viver com maior intensidade? Nós comungamos quatro vezes por semana: no domingo, na quarta-feira, na sexta-feira e no sábado, e ainda noutros dias quando se faz a comemoração de algum santo”.^[9] Há, ainda, o texto, de Dídimo, o cego (313-398), redigido entre os anos 381 e 382: “Celebramos a Páscoa todos os anos e também todos os dias, ou antes, a qualquer hora [podia participar-se da Eucaristia a qualquer hora, porque se podia comungar privadamente em casa todas as vezes que se quisesse], todas as vezes que participamos do Corpo e do Sangue do Senhor”.^[10]

Por fim, faz-se necessário mencionar outro dado histórico: entre os séculos II e III, além da celebração semanal da Páscoa, estabeleceu-se um domingo por ano para a celebração anual da Páscoa e, com isso, nasceu o primeiro grande ciclo do calendário litúrgico: o Ciclo da Páscoa.

1.2 A teologia e espiritualidade do domingo

Quando se lê o primeiro capítulo do Gênesis e os olhos se fixam na afirmação: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” (Gn 2,2-3), pode-se pensar que, na história do judaísmo, o sábado (o “sétimo dia”) desde sempre foi um “dia santo”, guardado para o Senhor. Entretanto, não foi assim. Foram necessários séculos para o sábado tornar-se o “dia do Senhor” para o judeu.

^[8] SÃO CIPRIANO. *Carta 58,1*, citado por ALI, 298-299.

^[9] BASÍLIO DE CESAREIA. *Carta 93*, citado por ALI, 405.

^[10] DÍDIMO, O CEGO. *Sobre a Trindade*, Livro III, 21, citado por ALI, 549.

O texto acima citado é um escrito do séc. VI a.C. Nesse período, o povo de Israel estava passando por grandes sofrimentos longe de sua terra. Estavam exilados em terras estrangeiras. Tais experiências desoladoras fortaleceram a necessidade do povo fiel ao Senhor de, durante a semana, dedicar um dia a Ele. Assim, a partir do pós-exílio, falou-se muito do “sétimo dia” como o dia abençoado e santificado pelo Senhor. Aos poucos, essa teologia foi entrando no coração dos judeus e, mais e mais, o dia foi ao Senhor consagrado. Além de todo o significado espiritual para os judeus, guardar o “sétimo dia” também os fez diferenciar dos outros povos, que não tinham essa prática.

Jesus observou e viveu o sétimo dia como um judeu de muita fé. Não mudou em nada essa observância. Mas, a partir da experiência do Cristo ressuscitado no “primeiro dia” da semana (cf. Mt 28,1-6; Mc 16,1-6; Lc 24,1-6; Jo 20,1-3), deixou-se de guardar o “sétimo dia” para se guardar o “primeiro dia” da semana: para o judeu, o sábado; para o cristão, o domingo.

Mas, se na história de formação do povo judeu a santificação do sábado não aconteceu repentinamente, para os primeiros cristãos a ruptura foi rápida. Logo de início, embora participando das orações no Templo, eles trataram de celebrar a fração do pão no “primeiro dia” da semana. Não demorou muito, este “primeiro dia” passou a se chamar *dies domini*, dia do Senhor, domingo.

Diante disso, no domingo, desde os tempos apostólicos, mesmo não sendo esse um dia santo e livre do trabalho, os cristãos encontravam-se, ou ao amanhecer ou ao entardecer, para a celebração eucarística (denominada naquele tempo de fração do pão – cf. At 2,42-47). Na visão deles, seria inconcebível um domingo sem a Eucaristia e a Eucaristia sem o domingo.

Foi somente no século IV que o domingo tornou-se um dia livre do trabalho. Mesmo assim, de princípio, muitos bispos acreditavam que o dia livre poderia afastar o cristão do reto caminho. Por isso, insistiam para que, mesmo sem trabalho, o domingo fosse de muitas atividades. Mas a partir do século V, os olhares foram mudando e passou-se a ver a ociosidade como algo bom

para o cristão, desde que vivida a partir de Cristo.

Com efeito, no domingo, a hora mais importante era a da Eucaristia, do encontro da comunidade para a memória da Páscoa de Cristo. De início, todos os domingos eram dias para essa memória. E assim, todos os domingos eram também dias para a Páscoa cristã. Todavia, paulatinamente, por motivos inúmeros, algumas celebrações diferentes foram sendo necessárias (desde o estabelecimento de uma data para se celebrar solenemente a festa da Páscoa, até uma data para se celebrar o nascimento de Cristo). Dessa forma, o calendário litúrgico foi sendo gestado desde o final do século II até meados do século VIII, um tempo bastante longo, mas necessário, de muita maturação.

Ao longo desse período, muitas crises de fé foram vividas pelos cristãos. Nenhuma, contudo, questionou o dia do domingo como o dia do Senhor. Foi uma instituição firme e segura, que perpassou os séculos, tendo o mesmo sentido sagrado, embora não sempre sendo guardado por todos.

O dia que continua a identificar os cristãos, por excelência, foi, é e será o domingo. Nesse dia, os cristãos congregam-se em comunidade, ouvem a Palavra de Deus, professam sua fé e comemoram a Eucaristia. Desse encontro comunitário vem o alimento espiritual para o cristão ser, no mundo, *outro* Cristo. Celebrando a Eucaristia dominical, ano após ano, de Advento a Advento, os cristãos, presididos por seu bispo e por seus presbíteros, fazem a cada domingo a memória da Páscoa de Cristo e atualizam em suas vidas o mistério celebrado.

Por isso, deveria ser um dia inegociável. Participar da Eucaristia, servir à comunidade no dia do Senhor, aproximar-se da mesa da Palavra e da Eucaristia, viver a Páscoa dominical... deveria ser a prioridade de todo cristão. E como são belas e profundas as liturgias dominicais e feriais! São, numa única palavra, *mistagógicas!*^[11]

^[11] Mistagogia: do grego *mystagogia*, iniciação aos mistérios. Quando se diz, então, que a celebração eucarística é *mistagógica*, afirma-se que por ela se chega a Deus por Jesus Cristo, pois celebrando-a Ele se torna conhecido e amado.

Capítulo II

CICLO DA PÁSCOA: MEMÓRIA DA REDENÇÃO DO SENHOR

Observai, irmãos, as datas das festas. Primeiro a Natividade, que deveis celebrar no dia vinte e cinco do nono mês. Em seguida, festejai solenemente a Epifania, na qual Cristo vos manifestou a sua divindade; será no sexto (dia) do décimo mês. Depois observai o jejum dos quarenta dias, no qual se faz memória da atitude do Senhor e das suas instruções. Praticar-se-á este jejum antes do jejum da Páscoa; começará na segunda-feira e acabará na sexta-feira. Após esses dias, interrompei o jejum e comecei a santa semana da Páscoa, na qual jejuareis com temor e tremor e rezareis por aqueles que pereceram [...].^[1]

Ainda que, desde o final do século VIII, o ano litúrgico iniciasse com o Tempo do Advento, “[...] o mistério pascal é o dado primordial de nossa fé e o centro vital de todas as celebrações litúrgicas cristãs. Teológica e historicamente, todo o ano litúrgico surgiu e se desenvolveu a partir da ação pascal e redentora de Cristo e de sua celebração. Por isso, há motivos ponderáveis para começar com os dias pascais, e não com o ciclo das festas de Natal”.^[2]

Tal como o culto hebraico, o culto cristão inicia-se com a Páscoa.^[3] Ao redor da grande celebração anual da Páscoa, estabelecida entre os séculos II e III, foram-se constituindo todos os ciclos do ano litúrgico, a começar pelo Ciclo da Páscoa. Nesse sentido, nesses séculos iniciais do cristianismo “[...] não eram celebrados os mistérios de Cristo, mas o Mistério, ou seja, a Páscoa, como evento que resumia e fazia valer todo o conjunto da vida e obra salvífica de Cristo para a nossa salvação”.^[4]

^[1] *Constituições Apostólicas*, Livro V, 13, citado por ALI, 413. As *Constituições Apostólicas* foram redigidas na Síria, em torno do ano 380.

^[2] ADAM, Adolf. *O ano litúrgico – sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica*, 59. São Paulo: Edições Paulinas, 1983².

^[3] Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia – História, celebração, teologia, espiritualidade...*, 293.

^[4] BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e*

2.1 Tempo da Quaresma

“O Tempo da Quaresma visa preparar a celebração da Páscoa; a liturgia quaresmal, com efeito, dispõe para a celebração do mistério pascal tanto os catecúmenos, pelos diversos graus de Iniciação Cristã, como os fiéis, pela comemoração do batismo e pela penitência”.^[5]

2.1.1 Aspectos históricos do Tempo da Quaresma

a) A formação do Tempo da Quaresma em linhas gerais

“Não nos é dado saber com certeza onde, por meio de quem e como surgiu a Quaresma, sobretudo em Roma; só sabemos que ela se foi formando progressivamente”.^[6] Isso, contudo, não nos impede de traçar, a partir dos dados históricos disponíveis, um quadro evolutivo desse período que veio a se chamar “Tempo da Quaresma”.

Durante os três primeiros séculos do cristianismo, para a celebração da Páscoa, não se tinha um tempo de preparação. Eram suficientes dois dias de jejum pleno anteriores à Páscoa.

A comunidade vivia tão intensamente o empenho cristão, até o testemunho do martírio (não nos esqueçamos que era tempo de perseguição), que não sentia a necessidade de um período de tempo para renovar a conversão já acontecida com o batismo. Ela prolongava, porém, a alegria da celebração pascal por cinquenta dias (Pentecostes).

Após a Paz de Constantino,^[7] quando a tensão diminuiu no empenho da vida cristã, começou-se a perceber a necessidade de um congruo período de tempo para admoestar os fiéis sobre uma maior coerência com o batismo. Nasceram assim as prescrições sobre um

pastoral do ano litúrgico..., 105.

^[5] NGC 27.

^[6] *Id.*, “Quaresma”, in *Dicionário de liturgia*, Domenico Sartore; Achille M. Triacca (orgs.), 983. São Paulo: Paulus, 2004³. Original: *Nuovo dizionario di liturgia*, Edizioni Paoline, Cinisello Balsamo (Milão) 1984, tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira.

^[7] A partir do ano 313.

período de preparação à Páscoa.^[8]

Cronologicamente, a partir de fontes confiáveis, pode-se afirmar que, no Ocidente (ou seja, na Igreja de rito romano):

1. Entre os séculos II e III, com um jejum^[9] de dois dias (na sexta e no sábado),^[10] os cristãos prepararam-se para a grande celebração da Páscoa, no Domingo da Ressurreição.^[11] “O caráter penitencial da Páscoa está ligado ao seu significado: Paixão e morte do Senhor.”^[12]

2. No início do século IV, esse tempo de preparação, ou seja,

^[8] BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico...*, 265.

^[9] O jejum da sexta-feira e do sábado deveriam ser totais: “Jejuai totalmente na sexta-feira e no sábado; os que tiveram força, não provenham nada até ao canto noturno do galo; se alguém não puder prolongar o seu jejum durante os dois dias, observe ao menos o jejum do sábado [...]” (*Constituições Apostólicas*, Livro V, 18, citado por ALI, 414).

^[10] Característica muito antiga do Sábado Santo é o jejum pascal (é chamado de pascal porque “[...] nos faz viver o ‘transitus’, a passagem da Paixão para a alegria da Ressurreição” (BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico...*, 338); “[...] já desde o século II se prolongava também nesse dia o jejum de Sexta-feira Santa, um jejum não tanto penitencial, mas cúllico, ‘pascal’, um jejum que ‘se celebra’” [ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*, 327. São Paulo: Edições Paulinas, 2013. Original: *Vocabulário básico de liturgia*, Centro de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2002, tradução de Paulinas (Portugal)]. Nesse sentido, lê-se na SC 110: “Mantenha-se religiosamente o jejum pascal, que se deve observar em toda a parte na Sexta-feira da Paixão e morte do Senhor e, se oportuno, estender-se também ao Sábado Santo, para que os fiéis possam chegar à alegria da Ressurreição do Senhor com elevação e largueza de espírito” (CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 58, 2010^[10]).

^[11] Cf. MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja – Teologia, história, espiritualidade e pastoral*, 359. São Paulo: Edições Paulinas, 2006. Original: *La liturgia de la Iglesia: teología, historia, espiritualidad y pastoral*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2005, tradução de Antonio Efro Feltrin.

^[12] AUGÉ, Matias. *Liturgia – História, celebração, teologia, espiritualidade...*, 300.

de jejum,^[13] passou a ser de uma semana.^[14] A esse respeito, na obra *Didascália dos Apóstolos*, escrito do século III, está escrito: “Por isso jejuai nos dias de Páscoa a partir do décimo dia da Lua, que é a segunda-feira, tomando apenas pão, sal e água à hora nona e do mesmo modo até quinta-feira; a sexta-feira e o sábado, passai-os integralmente no jejum, sem tomar nada”;^[15] “Começaremos o santo jejum no dia 31 de março de 329, e continuá-lo-emos durante os seis dias grandes e santos, imagem da criação deste mundo [...]”.^[16]

3. Na metade do século IV, acrescentaram-se outras três semanas de jejum à semana pascal já existente. Desde então, trinta eram os dias (quatro semanas) de preparação à Páscoa. O primeiro desses domingos (o atual “terceiro domingo do Tempo Quaresmal”) se chamava *Dominica in Trigesima*, pois estava a trinta dias da Páscoa. Por sua vez, o terceiro domingo era chamado *Dominica in Mediana*, pois estava a quinze dias – isto é, na metade – da Páscoa.^[17]

4. No final do século IV, à luz do simbolismo bíblico do número quarenta (quarenta dias do dilúvio, quarenta anos de travessia do povo de Deus no deserto, quarenta dias de caminhada para Elias chegar ao monte onde se encontrou com o Senhor, quarenta

^[13] O jejum “[...]” consistia em fazer apenas uma refeição diária, tomada à tardinha, segundo um antigo costume. Acrescentou-lhe, em seguida, a abstinência de carne e vinho, e em algumas regiões também a abstinência dos chamados laticínios (leite, manteiga e mesmo ovos), até o final da Idade Média, e mesmo posteriormente” (ADAM, Adolf. *O ano litúrgico – sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica...*, 94). As “Constituições Apostólicas”, obra do final do século IV, a respeito do jejum da Semana Santa, recomendam comer apenas pão, sal e legumes, e, como bebida, água. Além disso, dever-se-ia abster-se também do vinho e da carne, pois os dias são de luto, e não de festa (cf. *Constituições Apostólicas*, Livro V, 18, citado por ALi, 414).

^[14] Cf. MARSILI, Salvatore. *Sinais do mistério de Cristo – Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, 533. São Paulo: Edições Paulinas, 2010. Original: *I segni del mistero di Cristo: teologia liturgica dei sacramenti*, Roma: Edizioni Liturgiche, 1987, tradução de José Afonso Beraldin da Silva.

^[15] *Didascália dos Apóstolos*, Livro V, 18, citado por ALi, 249.

^[16] ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. *Carta Pascal 1*, 10, citado por ALi, 385.

^[17] Cf. MARSILI, Salvatore. *Sinais do mistério de Cristo – Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico...*, 534.

dias de Jesus no deserto etc.), o tempo de jejum passou a ser, também, de quarenta dias, como bem relata Eusébio de Cesareia (265-339): “Quanto a nós, celebramos de novo, em cada ano, o início do jejum segundo o seu regresso cíclico, e empenhamo-nos, em ordem à preparação, num exercício de quarenta dias que precedem a festa [...]”.^[18]

Em decorrência disso, o primeiro domingo desse tempo, ou seja, o sexto domingo antes do Domingo da Páscoa foi chamado de *Dominica in Quadragesima* (daí o nome “Quaresma”).

5. Como o domingo não podia ser considerado um dia de jejum,^[19] era impossível uma celebração de “[...] um rito penitencial – como o da inscrição dos pecadores no rito da Penitência – em dia de domingo, o qual foi fixado para a quarta-feira anterior (Quarta-feira de Cinzas), que como toda quarta-feira já era dia ‘estacional’^[20] e por isso mesmo de jejum”.^[21] Dessa forma, a Páscoa pôde ser precedida por um tempo de preparação (em princípio, de jejum efetivo) de quarenta dias: desde a Quarta-Feira de Cinzas até a quinta-feira da Semana Santa.

Antes de se prosseguir na história, faz-se necessário um

^[18] EUSÉBIO DE CESAREIA. *Sobre a Páscoa*, 3, citado por ALI, 354.

^[19] O domingo sempre foi considerado o dia da celebração hebdomadária da Ressurreição (cf. MOMMÉJA, Edith. *As festas cristãs – história, sentido e tradição*, 28. São Paulo: Paulus, 2014. Original: *Les fêtes chrétiennes: histoire, sens et traditions*, Éditions des Béatitudes, S.O.C., 2012, tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva). “Jejum e celebração da Paixão e morte de Cristo integram-se mutuamente e, por isso, exigem o jejum eucarístico. Na tradição antiga da Igreja, nos dias de jejum nunca se celebrava a Eucaristia. Contudo, no domingo, dia da Páscoa e da celebração do seu memorial – a Eucaristia –, não se jejuava, nem se ajoelhava” (BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da alegria – história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico...*, 338).

^[20] A palavra latina *statio*, em português “estação”, advém do uso militar, significando o “serviço de sentinela”. Esse só poderia ser realizado estando-se em pé. Sendo assim, ao se dizer que a quarta-feira era um dia estacional (e isso desde os primeiros séculos do cristianismo!), significa que nesse dia, desde a mais tenra tradição, os cristãos deveriam estar em oração ou estar no altar para o serviço litúrgico. Em outras palavras, nas quartas-feiras os cristãos uniam o jejum à liturgia da oração e da palavra, sem, contudo, celebrarem a liturgia eucarística (cf. MARSILL, Salvatore. *Sinais do mistério de Cristo – Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico...*, 510-511).

^[21] *Ibid.*, 534.

pequeno esclarecimento a respeito do porquê de a Quaresma iniciar numa quarta-feira. Justamente porque a quarta-feira tem, desde os primeiros tempos da Igreja, junto com a sexta-feira, um tom penitencial. A *Didaqué* é o primeiro documento cristão que menciona a quarta e a sexta-feira como os dois dias de jejum semanal dos cristãos: “Os vossos jejuns não devem ter lugar ao mesmo tempo que os hipócritas [os fariseus]; com efeito, eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana; vós, porém, jejuai na quarta-feira e no dia da preparação [sexta-feira]”.^[22] Depois da *Didaqué*, outros escritos da Igreja Primitiva confirmam essa tradição: “Ninguém nos critique por jejuarmos na quarta e na sexta-feira, pois recebemos esse preceito da tradição. Na quarta-feira teve início o conselho dos judeus para entregarem o Senhor; na sexta-feira Ele próprio sofreu por nós”.^[23]

Eram esses, então, os dois dias próprios para o jejum dos cristãos, ao longo de todo o ano.^[24] A sexta-feira, em função de nesse dia Nosso Senhor ter sido crucificado e morto, e a quarta-feira, porque vários documentos dos primeiros séculos atestam que “[...] a Última Ceia do Senhor teria tido lugar na terça-feira e, na noite seguinte, ou seja, no começo já de quarta-feira, o Senhor foi entregue por Judas. Essa explicação encontra-se, por exemplo, na *Didascália dos Apóstolos*, do século II, e repete-a Santo Epifânio, no século V [...]”.^[25] Por fim, nas “Constituições Apostólicas”, onde o tema do jejum nesses dois dias também aparece, acrescenta-se que o que foi economizado do jejum deveria ser doado aos pobres: “[...] que jejeis na quarta-feira e na sexta-feira de cada semana e que deis aos pobres o que tiverdes economizado

^[22] *Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos*, 8, in VV.AA., *Padres Apostólicos...*, 352.

^[23] PEDRO DE ALEXANDRIA. *Epístola Canônica*, 15, citado por ALI, 325.

^[24] “Os jejuns, por inspiração do Espírito Santo, distribuem-se pelo ciclo do ano todo, de tal modo que a lei da abstinência atinge todas as estações. De fato, celebramos o jejum da primavera na Quaresma, do verão no Pentecostes [na verdade, no pós-Pentecostes], do outono no sétimo mês [setembro]; porém, o do inverno, no décimo mês [dezembro]” (PAPA LEÃO MAGNO. *Oitavo sermão sobre o jejum do décimo mês*, 2, citado por ALI, 1034).

^[25] ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia...*, 310.